

# TEMA 11. Ressurreição, Ascensão e Segunda vinda de Jesus Cristo

A Ressurreição de Cristo é verdade fundamental da nossa fé, como diz São Paulo (cf. 1 Cor 15, 13-14). Com este facto, Deus inaugurou a vida do mundo futuro e pô-la à disposição dos homens.



PDF: Ressurreição, Ascensão e Segunda vinda de Jesus Cristo.

## 1. Cristo foi sepultado e desceu aos infernos.

Depois de padecer e morrer, o corpo de Cristo foi sepultado num sepulcro novo, não longe do lugar onde o tinham crucificado. A sua alma, pelo contrário, desceu aos infernos. A sepultura de Cristo atesta que morreu verdadeiramente. Deus dispôs que Cristo sofresse o estado de morte, quer dizer, de separação entre a alma e o corpo (cf. *Catecismo*, 624). Durante o tempo que Cristo permaneceu no sepulcro, quer a alma quer o corpo, separados entre si por causa da morte, continuaram unidos à sua Pessoa divina (cf. *Catecismo*, 626).

Porque continuava a pertencer à Pessoa divina, o corpo morto de Cristo não sofreu a corrupção do sepulcro (cf. *Catecismo*, 627; *Act* 13, 37). A alma de Cristo desceu aos infernos. «Os “infernos” (não confundir com o *inferno* da condenação), ou mansão dos mortos, designam o estado de todos aqueles que, justos ou maus, morreram antes de Cristo» (*Compêndio*, 125). Os justos encontravam-se num estado de felicidade (diz-se que repousavam no “seio de Abraão”) embora não gozassem ainda da visão de Deus. Dizendo que Jesus desceu aos infernos, entendemos a sua presença no “seio de Abraão” para abrir as portas do Céu aos justos que O tinham precedido. «Com a alma unida à sua Pessoa divina, Jesus alcançou, nos infernos, os justos que esperavam o Redentor, para acederem finalmente à visão de Deus» (*Compêndio*, 125).

Com a descida aos infernos, Cristo mostrou o seu domínio sobre o demónio e sobre a morte, libertando as almas santas que estavam retidas para as levar à glória eterna. Deste modo, a Redenção – que devia abranger os homens de todos os tempos – aplicou-se aos que tinham precedido Cristo (cf. *Catecismo*, 634).

A glorificação de Cristo consiste na sua Ressurreição e Exaltação nos céus, onde Cristo está sentado à direita do Pai. O sentido geral da glorificação de Cristo está na relação com a sua morte na Cruz. Como pela paixão e morte de Cristo, Deus eliminou o pecado e reconciliou o mundo consigo, de modo idêntico, pela ressurreição de Cristo, Deus inaugurou a vida do mundo futuro e pô-la à disposição dos homens.

Os benefícios da salvação não derivam apenas da Cruz mas também da Ressurreição de Cristo. Esses frutos aplicam-se aos homens pela mediação da Igreja e pelos sacramentos. Concretamente, pelo Baptismo recebemos o perdão dos pecados (do pecado original e dos pessoais) e o homem reveste-se, pela graça, com a nova vida do Ressuscitado.

“Ao terceiro dia” (da sua morte), Jesus ressuscitou para uma vida nova. A sua alma e o seu corpo, plenamente transfigurados com a glória da sua Pessoa divina, voltaram a unir-se. A alma assumiu de novo o corpo e a glória da alma comunicou-se na totalidade ao corpo. Por este motivo, «a Ressurreição de Cristo não foi um regresso à vida terrena. O Seu corpo ressuscitado é Aquele que foi crucificado, e apresenta os vestígios da Sua Paixão, mas é doravante participante da vida divina, com as propriedades dum corpo glorioso» (*Compêndio*, 129).

A Ressurreição do Senhor é o fundamento da nossa fé, posto que atesta de modo incontestável que Deus interveio na história humana para salvar os homens. É garantia da veracidade do que prega a Igreja sobre

Deus, sobre a divindade de Cristo e a salvação dos homens. Pelo contrário, como diz São Paulo, «se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé» (1 Cor 15, 17).

Os Apóstolos não puderam enganar-se ou inventar a Ressurreição. Em primeiro lugar, se o sepulcro de Cristo não tivesse estado vazio não teriam podido falar da ressurreição de Jesus; além disso, se o Senhor não lhes tivesse aparecido em várias ocasiões e a numerosos grupos de pessoas, homens e mulheres, muitos discípulos de Cristo não a tinham podido aceitar, como sucedeu inicialmente com o apóstolo S. Tomé. Muito menos eles teriam podido dar a vida por uma mentira. Como diz São Paulo: «E se Cristo não ressuscitou (...) somos assim considerados falsas testemunhas de Deus, porque demos testemunho contra Deus dizendo que ressuscitou Cristo, a Quem não ressuscitou» (1 Cor 15, 14.15). E, quando as autoridades judaicas queriam silenciar a pregação do evangelho, São Pedro respondeu: «Deve-se obedecer antes a Deus do que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a Quem vós matastes suspendendo-O num madeiro. (...) Nós somos testemunhas destas coisas» (Act 5, 29-30.32).

«Embora seja um acontecimento histórico, constatável e atestado através dos sinais e testemunhos, a Ressurreição, enquanto entrada da humanidade de Cristo na glória de Deus, transcende e supera a história, como mistério da fé» (Compêndio, 128). Por este motivo Jesus ressuscitado, embora possuindo uma verdadeira identidade físico-corpórea, não está submetido às leis físicas terrenas e sujeita-se a elas apenas enquanto o deseja: «Jesus ressuscitado é soberanamente livre de aparecer aos seus discípulos como Ele quer, onde Ele quer e sob aspectos diversos» (Compêndio, 129).

A Ressurreição de Cristo é um mistério de salvação. Mostra a bondade e o amor de Deus que recompensa a humilhação do seu Filho e emprega a sua onipotência para encher os homens de vida. Jesus ressuscitado possui, na sua humanidade, a plenitude de vida divina para a comunicar aos homens. «O Ressuscitado, vencedor do pecado e da morte, é o princípio da nossa justificação e da nossa ressurreição: a partir de agora, Ele garante-nos a graça da adopção filial que é participação real da sua vida de Filho unigénito; depois, no final dos tempos, Ele ressuscitará o nosso corpo» (Compêndio, 131). Cristo é o primogénito entre os mortos e todos ressuscitaremos por Ele e n'Ele.

Da Ressurreição de Nosso Senhor, devemos retirar para nós:

- a) Fé viva: «Aviva a tua fé. - Cristo não é uma figura que passou. Não é uma recordação que se perde na História. Vive! “*Jesus Christus heri et hodie: ipse et in saecula!*” – diz São Paulo – Jesus Cristo ontem e hoje e sempre!» [1];
- b) Esperança: «Nunca desespere. Morto e corrompido estava Lázaro: “*iam foetet, quatruiduanus est enim*”: já fede, porque há quatro dias que está enterrado, diz Marta a Jesus. Se ouvires a inspiração de Deus e a seguires (“*Lazare, veni foras!*”: Lázaro, vem para fora!), voltarás à Vida» [2];
- c) Desejo de que a graça e a caridade nos transformem, levando-nos a viver vida sobrenatural, que é a vida de Cristo: procurando ser realmente santos (cf. Cl 3, 1 e seg.). Desejo de limpar os nossos pecados no sacramento da Penitência, que nos faz ressuscitar para a vida sobrenatural – se a tivéssemos perdido pelo pecado mortal – e recomeçar de novo: *nunc coepi* (Sl 76, 11).

A Exaltação gloriosa de Cristo compreende a Ascensão, que sucedeu quarenta dias após a Ressurreição (cf. Act 1, 9-10), e a sua entronização gloriosa no Céu, para partilhar, também como homem, da glória e do poder do Pai e para ser Senhor e Rei da criação.

Quando confessamos no artigo do Credo que Cristo «está sentado à direita do Pai», referimo-nos com esta expressão à «glória e honra da divindade, em cujo seio Aquele que, antes de todos os séculos, existia como Filho de Deus, como Deus e consubstancial ao Pai, tomou assento corporalmente desde que encarnou e o seu corpo foi glorificado» [3].

Com a Ascensão termina a missão de Cristo, o seu envio entre nós em carne humana para fazer a salvação. Era necessário que, depois da Ressurreição, Cristo continuasse a sua presença entre nós, para manifestar a sua vida nova e completar a formação dos discípulos. Mas esta presença termina no dia da Ascensão. No entanto, embora Jesus volte ao céu para o Pai, fica entre nós de vários modos e, principalmente no modo sacramental, na Sagrada Eucaristia.

A Ascensão é sinal da nova situação de Jesus. Sobe ao trono do Pai para o partilhar, não só como Filho eterno de Deus, mas também enquanto verdadeiro homem, vencedor do pecado e da morte. A glória que tinha recebido fisicamente com a Ressurreição completa-se agora com a pública entronização nos céus como Soberano da criação, junto do Pai. Jesus recebe a homenagem e o louvor dos habitantes do céu.

Posto que Cristo veio ao mundo para nos redimir do pecado e nos conduzir á perfeita comunhão com Deus, a Ascensão de Jesus inaugura a entrada da humanidade no céu. Jesus é a Cabeça sobrenatural dos homens, como Adão o foi na ordem da natureza. Como a Cabeça está no céu, também nós, seus membros, temos a possibilidade real de o alcançar. Mais ainda, Ele foi para nos preparar um lugar na casa do Pai (cf. *Jo* 14, 3).

Sentado à direita do Pai, Jesus continua o seu ministério de Mediador universal da salvação. «Ele é o Senhor que agora reina com a sua humanidade na glória eterna de Filho de Deus, e sem cessar intercede por nós junto do Pai. Envia-nos o Seu Espírito e tendo-nos preparado um lugar, dá-nos a esperança de um dia ir ter com Ele» (*Compêndio*, 132).

Com efeito, dez dias depois da Ascensão ao céu, Jesus enviou o Espírito Santo aos discípulos conforme a sua promessa. Desde então, Jesus manda incessantemente aos homens o Espírito Santo, para lhes comunicar o poder vivificador que Ele possui e reuni-los por meio da sua Igreja para formar o único povo de Deus.

Depois da Ascensão do Senhor e da vinda do Espírito Santo no Pentecostes, a Santíssima Virgem Maria foi levada, em corpo e alma, aos céus, pois convinha que a Mãe de Deus, que tinha levado Deus no seu seio, não sofresse, à imitação de seu Filho, a corrupção do sepulcro [4].

A Igreja celebra a festa da Assunção de Nossa Senhora, no dia 15 de Agosto. «A Assunção da Santíssima Virgem é uma singular participação na Ressurreição do seu Filho e uma antecipação da ressurreição dos outros cristãos» (*Catecismo*, 966).

A Exaltação gloriosa de Cristo:

- a) Alenta-nos a viver com o olhar posto na glória do Céu: *quae sursum sunt, quaerite* (*Cl* 3, 1); recordando que *não temos aqui cidade permanente* (*Heb* 13, 14), e com o desejo de santificar as realidades humanas.
- b) Impulsiona-nos a viver com fé, pois sabemos-nos acompanhados por Jesus Cristo, que nos conhece e ama e nos dá, sem cessar, a graça do seu Espírito. Com a força de Deus podemos realizar o trabalho apostólico que nos encomendou: levá-Lo a todas as almas (cf. *Mt* 28, 19) e pô-Lo no cume de todas as actividades humanas (cf. *Jo* 12, 32), para que o seu Reino seja uma

realidade (cf. *1 Cor 15, 25*). Além disso, Ele acompanha-nos sempre com a sua presença no Sacrário.

Cristo Senhor é Rei do universo, mas ainda não lhe estão submetidas todas as coisas deste mundo (cf. *Heb 2, 7; 1 Cor 15, 28*). Concede tempo aos homens para provarem o seu amor e fidelidade. No entanto, no final dos tempos, terá lugar o seu triunfo definitivo e o Senhor aparecerá com “grande poder e majestade” (cf. *Lc 21, 27*).

Cristo não revelou o tempo nem o momento da sua segunda vinda (cf. *Act 1, 7*), mas anima-nos a estar sempre vigilantes e adverte-nos que, antes desta segunda vinda ou *parusia*, haverá um último ataque do diabo com grandes calamidades e outros sinais (cf. *Mt 24, 20-30; Catecismo, 674-675*).

O Senhor virá então como Supremo Juiz Misericordioso para julgar os vivos e os mortos: é o *juízo universal*, em que serão revelados os segredos dos corações, bem como a conduta de cada um com Deus e com o próximo. Este juízo sancionará a sentença que cada um recebeu a seguir à morte. Todo o homem será repleto de vida ou condenado para a eternidade, segundo as suas obras. Assim se consumará o Reino de Deus, pois «Deus será tudo em todos» (*1 Cor 15, 28*).

No juízo final, os santos receberão, publicamente, o prémio merecido pelo bem que fizeram. Deste modo se restabelecerá a justiça já que, nesta vida, muitas vezes os que fazem o mal são louvados e os que fazem o bem desprezados ou esquecidos.

«A mensagem do Juízo final é um apelo à conversão, enquanto Deus dá aos homens “o tempo favorável, o tempo da salvação” (*2 Cor 6, 2*). Ela inspira o santo temor de Deus, empenha na justiça do Reino de Deus e anuncia a “feliz esperança” (*Tt 2, 13*) do regresso do Senhor, que virá “para ser glorificado nos seus santos, e admirado em todos os que tiverem acreditado” (*2 Ts 1, 10*)» (*Catecismo, 1041*).

*Antonio Ducay*

#### Bibliografia básica

*Catecismo da Igreja Católica*, 638-679; 1038-1041.

#### Leituras recomendadas

João Paulo II, *A Ressurreição de Jesus Cristo*, Catequese: 25-I-1989, 1-II-1989, 22-II-1989, 1-III-1989, 8-III-1989, 15-III-1989.

João Paulo II, *A Ascensão de Jesus Cristo*, Catequese: 5-IV-1989, 12-IV-1989, 19-IV-1989.

São Josemaria, Homília «A Ascensão do Senhor aos Céus», em *Cristo que Passa*, 117-126.

#### Notas

[1] São Josemaria, *Caminho*, 584.

[2] *Ibidem*, 719.

[3] São João Damasceno, *De Fide Orthodoxa*, 4, 2: PG 94, 1104; cf. *Catecismo*, 663.

[4] Cf. Pio XII, Const. *Munificentissimus Deus*, 15-VIII-1950: DS 3903.